

saír dos limites dêsse círculo. A influência da família, da Igreja, da literatura *humanitária*, a influência de tudo o que é *espírito das leis e tradições* oficiais cria, no seu cérebro, um aparelho pouco complicado, semelhante ao mecanismo dum relógio, uma mola que movimenta as roldanasinhas dos pensamentos pequeno-burguezes, na sua tendência imperiosa para o repouso. Todas as preces que pronuncia podem ser reduzidas a estas palavras: Senhor, tende piedade de nós!

Como reivindicação formulada perante o Estado e a sociedade, sob uma forma um pouco mais desenvolvida, essa prece representa-se assim: — Deixai-me tranqüilo, deixai-me viver como eu entendo.

O pequeno-burguês é o caso patológico dum homem em quem a técnica do pensamento a sério apreendida, imobiliza a progressão do pensamento. Sucede que, ao péso dos acontecimentos, êle assimila idéas que lhe são estranhas, mas que se tornam, para êle, uma fonte de males. A divisa essencial do pequeno-burguês é esta: «Sempre assim foi e sempre assim há-de ser». O som destas palavras faz pensar no movimento automático dum pêndulo.» Mas «a-pesar da sua fé na graça de Deus e da sua certeza das belezas paradisíacas do além, a-pesar do seu *idealismo* verbal, êle é profundamente *materialista* e preocupa-se, antes de mais nada, com o seu bem-estar terrestre, económico. «Comer muito, trabalhar pouco, pensar pouco». Eis porque êle geme e murmura: — «Há menos açúcar, menos ovos, menos manteiga...»

Esta análise, escrita em 1929, assenta, nas suas generalidades, como uma luva, em Erico Veríssimo. No romancista, o «círculo estreito de hábitos e pensamentos elaborados de longa data» é representado, nas últimas páginas de «Um lugar ao Sol», como um círculo de giz que os perus são incapazes de saltar e, como êles, as pessoas. E' mesmo através desta imagem que Veríssimo representa, pela pena do seu principal personagem — Vasco —, a condição humana («Saga», pág. 145: *Quando eu vivia no Brasil a minha vida de sonhos insatisfeitos comparava-me ao peru que, segundo se diz, metido dentro dum círculo traçado a giz no chão, se julga irremediavelmente prisioneiro dele. Um dia achei que devia correr para a liberdade, saltando o risco de giz. Cortei as amarras que me prendiam a tôdas*

as convenções sociais e a êsse manso comodismo dos hábitos. Dei o salto... E agora, moendo e remoendo experiências recentes, comparando-as com as antigas, chego à conclusão de que a vida não passa duma série numerosa de círculos de giz concêntricos. A gente salta por cima de um apenas para verificar depois que está prisioneiro de outro e assim por diante. E' a condição humana).

Mentalidade de «relógio»? Encontramo-la em quasi todos os personagens de Veríssimo, desde o Pio Pinto de «Música ao longe» (que surge sempre aos olhos do leitor como um homem que, através de 20 anos de namôro, só pensa que irá casar no dia seguinte) até João Benévolo de «Caminhos Cruzados» (assobiando o «Carnaval de Veneza» e crente que, apesar de tudo, a vida é bela, como nos romances de aventuras) e Chimita que vive «bem como no cinema». Daí um demasiado esquematismo; e que os personagens que o romancista pretende apresentar como típicos apareçam como que catalogados e imobilizados nalguns poucos traços dum temperamento humano. A sua actuação é sacrificada à necessidade de vincar êsses traços (disto salva-se apenas «Clarissa», certamente pela sua pouca extensão). E' ainda como «o movimento automático de um pêndulo» que os pensamentos de Vasco, combatente na guerra de Espanha («Saga»), voltam sempre ao mesmo ponto, oscilando regular e compassadamente entre as cenas da guerra e a evocação do Brasil, através de Clarissa, sua noiva (simbolizando o «deixai-me viver como eu o entendo» e o arrependimento de ter saltado o círculo). As figuras de Veríssimo que menos sofrem desta limitação pequeno-burguesa deformadora da mentalidade são aquelas que aparecem actuando à margem dos personagens centrais. E' o caso de Gervásio Lima, o do Conde Oskar de «Um lugar ao sol» e de quasi todas as figuras que rapidamente passam nas páginas de «Clarissa». O esquematismo dos tipos de Veríssimo é também atenuado, porque adquire maior sentido crítico e objectividade, quando traça retratos da alta-burguesia como D.^a Dódó, Leitão Leiria, o Coronel Zé Maria ou Virgínia. Os outros, pequeno-burguezes focados à luz de ideologias pequeno-burguezas do autor, são prêsas das próprias deficiências de auto-análise de Erico Veríssimo. Verdaderamente articulada, marchando pelo seu próprio pé, apenas a figura